

Prefácio

Luiza Garnelo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LEITE, MS. *Transformação e persistência: antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 239 p. ISBN 978-85-7541-137-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Eis-me aqui, fazendo o prefácio do livro de Maurício Leite. Recebi o convite com alegria e o aceitei de forma mais impulsiva ainda. Entretanto, na hora de escrevê-lo 'caí na real', como diriam os mais jovens. Pensei: "Nunca antes fiz um prefácio; como devo proceder para escrever um?".

Resolvi então escrever sobre aquilo de que mais gostei no trabalho de Maurício, desde a primeira vez que li sua tese de doutorado, produzida entre o grupo indígena Wari', no estado de Rondônia, que originou o livro que ora prefacio. Escrevo então sobre o afeto, a sensibilidade e outras várias emoções e reflexões que o trabalho nos evoca.

A primeira delas trata da afirmação de um Wari' sobre Maurício, com a qual o próprio autor abre a apresentação do livro. Dizia o Wari': "Maurício, você quando chegou aqui era muito burro, mesmo. Você não entendia nada". A frase me levou a pensar sobre minhas próprias burrices, e as burrices de todos nós ao adentrarmos o mundo indígena. São inevitáveis as gafes, as grosserias involuntárias, as quebras da etiqueta nativa... Enfim, temos sempre uma completa inadequação de comportamento. É notável, nessas circunstâncias, a infinita paciência dos índios com as nossas limitações de conduta, de saberes e de habilidades necessárias à sobrevivência cotidiana. E o mais lamentável é que boa parte de nós sequer percebe a enorme benevolência de que os indígenas lançam mão, para suportar nossa desastrada presença em seu meio. Porém, o problema maior não é entrarmos 'burros' numa área indígena, é permanecermos 'burros'; ou, ainda pior: há os que, convencidos de sua própria sapiência, aferram-se a ela, incapazes de dar pelo menos uma olhadinha no ponto de vista de seus anfitriões.

Não é, absolutamente, o que o leitor encontrará ao longo das páginas deste livro. Uma das características mais notáveis no trabalho desenvolvido pelo autor é sua fina sensibilidade aos valores e necessidades dos Wari' e sua aguda percepção da rudeza e dos limites da nossa ciência, pouco capaz de apreender, por exemplo, a coerência entre a visão de mundo wari' e suas práticas sociais, dentre as quais aquelas ligadas à alimentação. Assim sendo, ao longo dos capítulos que se seguem, apreciamos o incessante esforço de Maurício Leite para superar o habitual

diálogo estabelecido apenas nos termos definidos por nossas formações profissionais e perseguir uma interação produzida segundo os moldes wari’.

Desse modo, o nutricionista se transmuta em antropólogo e parte para a observação participante do cotidiano alimentar do grupo. A experiência aqui relatada nos oferece um vislumbre do grau de dificuldade enfrentado pelo autor, que persegue a superação dos estreitos limites do sanitarismo científico e torna-se um Wari’ honorário. Na sua busca de informações sobre a alimentação, o pesquisador é ‘consangüinizado’ pelos Wari’, que logo lhe providenciam uma família, constituindo-o como parente, por meio da partilha cotidiana da comida. Foi somente a adoção de Maurício pelo grupo que viabilizou o desejado acesso ao consumo rotineiro de alimentos e nos proporcionou uma notável e minuciosa descrição sobre as práticas alimentares do grupo, superando a vacuidade do recordatório alimentar e a dureza dos descontextualizados números obtidos em perfis nutricionais.

Essa é uma interessante viagem que nos leva a uma primeira reflexão sobre a prática antropológica. Quão interessantes e enriquecedores podem ser as etnografias feitas por pesquisadores com formações técnicas especializadas, que se mostrem capazes de superá-las – ainda que sem negá-las – produzindo então uma riqueza etnográfica, que facilmente passaria despercebida ao antropólogo carente de conhecimento técnico específico sobre as nuances da nutrição e da alimentação. Ou seja, estamos tratando aqui dos desafios que se colocam para ‘o que fazer’ da antropologia, num mundo contemporâneo em que a maior parte das culturas indígenas já conta com estudos monográficos, e no qual encontramos-nos mergulhados no escrutínio de dimensões mais específicas dessas culturas, tais como a saúde, a nutrição, os processos de ensino-aprendizado e outros.

Esse não é, porém, o único aspecto instigante do trabalho em pauta. Ao longo dos capítulos, nos quais o autor persegue o entendimento das práticas alimentares wari’, ‘em contexto’, ele nos brinda com uma panorâmica das relações de reciprocidade, da cosmologia, da predação e da comensalidade, da etnomoral wari’ e de suas relações com a natureza e com a economia de mercado. É prazeroso e surpreendente constatar quanta coisa se descortina ao longo do fio de Ariadne representado pela temática da alimentação. Igualmente constatamos o quão redutora é a perspectiva biológica que habitualmente rege as ações de segurança alimentar no Sistema Único de Saúde (SUS) e em seu subsistema de saúde indígena.

O texto consegue nos deliciar, não apenas pela variedade e complexidade de facetas que envolvem a alimentação entre os Wari’, mas também pelas implicações das informações ali contidas, na organização das práticas sanitárias dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas, ou de outros serviços de saúde a que os indígenas eventualmente recorram.

Ao apresentar a visão de mundo wari’ como paradigma a configurar as práticas sanitárias, o autor nos mostra quão agressivo pode ser um diagnóstico

nutricional, quão inadequada pode ser a relação ensino-aprendizado nas práticas educativas em saúde e o quão insidioso e preconceituoso é o nosso senso comum, ao lidar com as formas de ser e de viver indígenas. Sabemos disso em abstrato, mas a pesquisa de Maurício Leite nos coloca diante de uma grande lente de aumento, examinando as minúcias do etnocentrismo contido nas mais bem intencionadas ações de saúde; ela joga luz sobre o grande fosso a ser transposto por todos aqueles que pretendem se aproximar das tão faladas práticas culturalmente sensíveis em saúde.

Outras perguntas inevitavelmente nos assaltam. Quando pensamos nas mudanças das condições de vida dos Wari', ligadas à sua interação com a economia de mercado, nos obrigamos também a pensar: que implicações sociais, políticas e nutricionais podemos esperar do grande fluxo de comida industrializada na alimentação dos grupos familiares indígenas? É perceptível a inquietação do autor, que a repassa para o leitor, ante um percentual de 65,4% de alimentos industrializados, adquiridos no mercado regional, que surgiu no inquérito alimentar realizado entre os Wari'. O quadro se torna ainda mais sombrio com a informação de que tais alimentos responderam por 50% das calorias consumidas e por meros 24% da ingestão de proteínas. Ou seja, não apenas os Wari' têm um alto grau de dependência de alimentos que não produzem, mas também estão convidados, assim como todos nós, a ocupar um espaço permanente, ainda que subalterno, na economia globalizada. Podem exercer o direito perverso de ocupar um assento no restaurante popular do mercado mundial de *trash-food*; de render-se à atração da comida hipercalórica que nos matará cedo demais, embora aparentem fazê-lo de forma lenta.

Como toda boa pesquisa, essas informações nos levam a pensar sobre outras realidades que conhecemos e a nos perguntar como o problema se expressará entre outros grupos indígenas com os quais trabalhamos. E, talvez, em última análise, a nos interrogar sobre nossa própria situação alimentar.

Igualmente perturbadora é a descrição das tensões evidenciadas, no momento atual, entre a partilha obrigatória de favores e alimentos e a recém-iniciada prática de venda de alimentos, que começa a alterar as regras da comensalidade entre os Wari'. Escusado falar sobre o impacto negativo dessas novas formas de convivência sobre o já preocupante perfil nutricional evidenciado pela pesquisa, e sobre o potencial incremento das iniquidades que rondam os grupos indígenas, particularmente quando comparados com o restante da população brasileira, cujos índices nutricionais, ao contrário do que ocorre entre os indígenas, melhoram a cada geração. A análise dessas mudanças nos é trazida de permeio com os matizes afetivos que envolvem a relação do grupo com o alimento, apreendidos de forma delicada pela pesquisa.

Outras reflexões mais teóricas também são desencadeadas pela leitura do texto de Maurício Leite. Seja no caso dos Wari', que abandonam um elemento central de seu sistema alimentar e de organização social, o milho; seja no caso de grupos rio-negrinos, com os quais trabalho, que deixaram de praticar o xamanismo e os ritos de passagem, surge uma pergunta que sempre emerge em nossas insônias: o que acontece numa sociedade quando um elemento central da estrutura social é abandonado pelo grupo? Como se rearranja a ordem social ante essa nova condição? Que contradições se instalam aí? O livro de Maurício Leite não oferece respostas para isso, eu tampouco as tenho. Mas os índios prosseguem vivendo nessas novas condições de vida, então prossigamos também nós, buscando respostas a essas, e a outras, inquietações apresentadas pelo ser indígena e pelo nosso próprio viver. Enquanto isso, deleitemo-nos com a leitura deste belo e instigante trabalho, fruto de uma nova e criativa geração de pesquisadores da saúde indígena.

Luiza Garnelo

Médica-sanitarista e antropóloga, doutora em ciências sociais pela Universidade Estadual de Campinas, professora de saúde coletiva da Universidade Federal do Amazonas e pesquisadora do Centro de Pesquisas Leônidas & Maria Deane, Fiocruz, Amazônia